

**Chesterman, Andrew. *Reflections on Translation Theories: Selected Papers 1993-2014*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2017, 396 p.**

Jéssica Uhlig<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

O título do livro *Reflections on Translation Theory: Selected Papers 1993-2014* lançado em 2017 resume o que se pode esperar da publicação de Andrew Chesterman: uma reunião de artigos selecionados nos quais o autor reflete sobre diferentes teorias da tradução. Embora não seja um título cativante, as análises propostas nos artigos que compõem o livro contribuem de modo construtivo para os Estudos da Tradução. Os trabalhos escolhidos para integrar a obra foram escritos por Chesterman ao longo de 20 anos de atividades acadêmicas, sendo resultados de conferências, palestras e orientações de pós-graduação. Tal seleção de textos é organizada em nove seções temáticas que discutem diferentes aspectos teóricos e metodológicos sobre tradução: questões gerais; empirismo vs. prescritivismo; causalidade e explicação; normas; similaridades e diferenças; hipóteses teóricas; universais da tradução; a virada sociológica; ética da tradução.

Os 28 artigos, contudo, não compõem uma reunião randômica de temas que não dialogam entre si. A despeito de terem sido escritos em épocas diferentes, às vezes até mesmo distantes, é possível identificar relações entre os textos e questões comuns que perpassam as análises conceituais e metodológicas. Estas reflexões



se restringem à discussão teórica, de modo que não há muita análise de dados concretos nos trabalhos selecionados. Ainda assim, a contribuição de Chesterman aos Estudos da Tradução sobre conceitos chave e inquietações da disciplina, embora pareçam não tão relevantes por serem há muito examinadas, ainda são importantes aos que estudam os temas abordados. Dentre eles, a crescente fragmentação dos Estudos da Tradução é o mais recorrente e uma preocupação do autor.

Embora atualmente os Estudos da Tradução tenham se consolidado de forma independente, ocupando espaços institucionais e compondo programas de pós-graduação próprios, não há uma teoria única que abranja completamente a disciplina. Essa característica confere um caráter paradoxal aos Estudos da Tradução: por um lado, a institucionalização permite uma construção de bases sólidas de trabalho; por outro, a disciplina sofre um processo de fragmentação, principalmente com a expansão da interdisciplinaridade nos Estudos da Tradução e nos estudos acadêmicos de um modo geral.

Chesterman discute essa fragmentação logo na primeira seção ao abordar as questões teóricas gerais sobre os Estudos da Tradução, principalmente quando reflete sobre o conceito de tradução. É possível reconhecer diferentes conceitos ou metáforas do que é traduzir. As distinções tornam-se ainda mais acentuadas ao se comparar as metáforas orientais e ocidentais. Tais definições e metáforas refletem uma heterogeneidade de práticas de tradução. Assim, na primeira seção, a partir do exame de teorias e ideias, Chesterman busca abrir caminhos para enfrentar essa fragmentação dos Estudos da Tradução e relacionar as diferentes correntes e abordagens que são praticadas. Como destaque, há o artigo (Paper 2 - *Shared ground in Translation Studies*) escrito em conjunto com Rosemary Arrojo, uma pesquisadora brasileira da área, em que ambos apresentam e comentam 30 teses relacionadas às definições do que é traduzir.

Dentre as contribuições do próprio autor na primeira seção, uma é relacionada à concepção do que é tradução. Em meio às diversas definições, Chesterman propõe que o ato de traduzir seja concebido como um “meme”, ou seja, como uma transferência de ideias. Além disso, destaca também que a tradução por si só poderia ser uma teoria. Este seria um ponto comum para a reunião de outros conceitos e definições do que é traduzir. Desse modo, o autor abre caminhos para uma possível solução de uma questão que permanece ainda em aberto nos Estudos da Tradução.

Outra problemática da disciplina discutida por Chesterman é a falta de um paradigma próprio, no sentido elaborado por Thomas Kuhn, e de uma teoria única geral, o que acaba dispersando os estudos. Este seria um motivo da fragmentação, uma vez que, no sentido kuhniano, um paradigma comum é um dos elementos da prática da ciência normal. A disciplina estaria, então, em um estágio pré-paradigmático, marcado por debates frequentes a respeito de métodos, problemas e padrões de solução (Kuhn). No entanto, o autor não aprofunda a discussão filosófica sobre a construção de teoria e paradigmas, mesmo com o diagnóstico fragmentário da disciplina. Sua linha de argumentação teórica segue em apontar problemas e possíveis soluções para as lacunas que identifica nos Estudos da Tradução. Com isso, no último artigo que compõe a primeira seção, o autor elabora conceitos ponte, por exemplo “causalidade”, que permitem conexões entre fenômenos em diferentes níveis. Esta organização possibilitaria relacionar diversos subtemas da disciplina, configurando uma estratégia possível para conter a fragmentação da disciplina. Além disso, a sugestão de definições desses conceitos também demonstra a contribuição teórica de Chesterman para frear a dispersão para onde a disciplina parece seguir.

Nas 8 seções subsequentes, Chesterman irá desdobrar as questões elaboradas anteriormente, relacionando-as aos conceitos e às ideias que dão título a cada uma dessas seções. Inicialmente, ele aponta as falhas nas abordagens dos Estudos da Tradução e suas teorias.

Nesse sentido, o autor salienta que a grande ênfase da disciplina em estudos descritivos nos últimos anos distanciou a teoria da prática tradutória e dos tradutores. Com isso, os tradutores não conseguem mais estabelecer uma relação entre suas tarefas e os estudos acadêmicos. Além da distância entre as duas atividades, essa falta de relação entre teoria e prática contribui também como mais um fator de fragmentação dos Estudos de Tradução. Independente da teoria utilizada, a tradução possui um aspecto prático. Entretanto, os debates teóricos atualmente pouco propõem soluções que aproximem os tradutores de suas ideias, aprofundando sua distância em relação à prática. Chesterman indica essas falhas na *Teoria do Skopos*, na teoria de Catford e na teoria descritiva.

Essa identificação dos problemas teóricos demonstra como essas teorias, apesar de reconhecidas e utilizadas pela comunidade acadêmica, são frágeis para sustentar a prática de forma consistente ao longo do tempo e não conseguem se estabelecer como uma teoria geral para a disciplina. Problemáticas referentes ao próprio cerne da teoria - como a falta de *status* ontológico claro da *Teoria do Skopos* e o paradoxo da teoria descritiva - ou à pouca relevância da teoria de Catford para a prática tradutória fragilizam as propostas e suas reflexões.

Além de apresentar críticas teóricas consistentes, Chesterman analisa, nas seções subsequentes, os conceitos chave importantes para a teoria tradutória, bem como questões interdisciplinares e éticas. Em cada uma destas seções temáticas, o autor identifica as falhas teóricas da disciplina e de tais conceitos, sugerindo caminhos metodológicos empíricos. Por isso, sua argumentação não incorre no mesmo equívoco de desenvolver apenas elucubrações teóricas, ainda que em sua publicação não haja a discussão e análise de dados concretos.

Nos artigos selecionados para compor o livro, Chesterman sugere o uso de uma metodologia de pesquisa baseada na filosofia científica de Karl Popper. Desenvolvida no século XX, a teoria de Popper

refuta a indução como um método adequado para a pesquisa científica. Com isso, resgata a constatação de Hume de que não se pode fundamentar um enunciado universal com enunciados particulares, uma vez que uma observação futura poderia contradizer todas as anteriores (Schmidt; Santos, 04). A indução só levaria à criação de mais indução, sem a possibilidade de chegar a explicações científicas gerais. Em contrapartida, Popper elaborou o método hipotético dedutivo, segundo o qual o conhecimento humano consiste na formulação de hipóteses como produto de atividades intelectuais. No âmbito da prática científica, as hipóteses devem ser testadas e cotejadas com a realidade.

Chesterman adota o teste de hipóteses como uma metodologia possível e interessante para os Estudos da Tradução. A partir dessa ideia de aplicação de testes, o autor critica o excesso de discussão teórica sobre questões tradutórias ou de descrições sobre a prática tradutória, que não são verificadas empiricamente. Com isso, não geram explicações gerais sobre a tradução. Caso os testes fossem aplicados, seria possível retirar dados empíricos sobre o que é traduzir. Tal sugestão de Chesterman está presente na maior parte das seções do livro. Assim, o autor deixa clara a influência filosófica de Karl Popper em sua argumentação, tomando o empirismo como uma linha metodológica necessária para aprofundar os estudos da disciplina.

Não obstante sua proposta seja empírica, Chesterman reforça ao longo do livro a reflexão teórica. As argumentações de seus artigos partem de uma problemática nas teorias, identificando suas falhas e propondo algumas soluções práticas. Nesse sentido, nas seções em que aborda os conceitos chave dos Estudos da Tradução, Chesterman retoma algumas críticas já trabalhadas anteriormente, repetindo e enfatizando o pouco resultado das tendências descritivas e explicativas, cujo foco é mais teórico. Há, então, pouca prática, distanciando a teoria dos tradutores e da atividade tradutória.

Ainda sobre a discussão teórica, o autor ressalta a necessidade de rever o sentido negativo de alguns conceitos como “prescrição”, “leis” e “normas”. Para Chesterman, a contínua rejeição a esses termos foi mais um fator de distanciamento entre os estudos acadêmicos e a prática tradutória, dispersando as discussões teóricas e provocando a fragmentação dos Estudos da Tradução. Segundo o autor, estes conceitos não devem ser considerados como um peso ou uma obrigatoriedade à prática tradutória, mas como linhas gerais da tradução a fim de estabelecer um caminho para a atividade. O estabelecimento de “regras” gerais seria o resultado da metodologia de base popperiana desenvolvida por Chesterman: os testes empíricos de hipóteses sobre tradução. Tais respostas, então, constituiriam-se como um meio de aproximação entre o tradutor e os estudos acadêmicos.

A ideia de “imposição de regras”, de acordo com Chesterman, não é bem vista pelos estudiosos da disciplina. No entanto, o autor descarta um determinismo estruturalista que retira do sujeito sua subjetividade e ação no mundo. Chesterman não considera que tais diretrizes significariam uma padronização ou imposição de atitudes à prática tradutória, pois o próprio tradutor pode tomar suas próprias decisões durante suas atividades. Desse modo, o autor retira a obrigatoriedade atribuída a conceitos como “leis”, “prescrição” e “normas” em diferentes artigos que compõem o livro. A ideia ainda é corroborada, por exemplo, quando Chesterman, em seu artigo sobre a sociologia da tradução (Paper 24 – *Questions in the sociology of translation*), critica a “Actor-Network Theory (ANT)”, desenvolvida por Bruno Latour e Michel Callon nos anos 1980 e 1990, cujo propósito era possibilitar o estudo da inovação tecnológica e do progresso científico como parte da sociologia da ciência.

Embora a ideia de uma criação de rede entre agentes humanos e não humanos possa parecer interessante, o desenvolvimento de Latour e Callon coloca em simetria agentes ontologicamente distintos. Essa concepção simétrica, estabelecendo um mesmo patamar

para textos e invenções científicas, desvincula a prática humana de seu espaço simbólico, apagando a ação humana concreta no mundo (Maia, 72). Relacionando à prática tradutória, segundo a concepção de Latour e Callon, os agentes humanos e não humanos teriam o mesmo poder de tomada de decisões, tornando invisível a ação do tradutor e seu papel de agente. Chesterman, por outro lado, pensa de modo diferente. Tais diretrizes gerais podem ser refutadas pelos próprios tradutores, que escolherão seguir ou não essas orientações enquanto traduzem.

A proposta metodológica de Chesterman fornece um resultado muito profícuo. Por um lado, gera uma elaboração de material para a prática tradutória, que aproxima, então, os estudos acadêmicos dos tradutores que, muitas vezes, estão distantes de discussões teóricas como as do próprio autor. Por outro, as novas decisões tomadas por tradutores a partir de regras gerais estabelecidas pode também gerar mais material para a formulação de hipóteses e futuros novos testes empíricos.

Dessa forma, seguindo o conceito científico filosófico de Popper, Chesterman mapeia pontos frágeis nas discussões teóricas sobre tradução, levantando questionamentos e hipóteses. Ao testá-las em um método dedutivo de pesquisa, é possível obter contribuições para as discussões teóricas, como aponta Chesterman no Paper 1 – *On the idea of a theory*, com o fornecimento de novos dados, com melhores interpretações dos dados, propondo modelos melhores ou novas hipóteses ou mostrando as diferentes relações entre as diferentes teorias e tipos de teoria. Segundo as discussões do autor, esse é um caminho possível para diminuir a distância entre teoria e prática e a fragmentação da disciplina.

Com a sugestão de tantos testes de hipóteses, a publicação oferece um extenso plano de trabalho a quem decidir seguir a ideia e aplicar os testes propostos por Chesterman. Assim, percebe-se que a reunião das publicações é uma grande contribuição não só às discussões teóricas sobre tradução, mas também às atividades

científicas empíricas. Como o livro propõe mais a discussão teórica à geração de dados, o trabalho está à espera para ser feito.

Não obstante a contribuição seja farta, a estrutura escolhida para publicação não favorece a leitura e a sistematização de ideias de Chesterman. Mesmo que os conteúdos dos artigos tenham sido revisados e alguns alterados para a referida publicação, as informações não estão distribuídas de forma sistemática e organizada formando uma linha de raciocínio teórico único. Por um lado, essa não é a proposta do autor, como está claro em seu prefácio. Por outro lado, a leitura torna-se repetitiva à medida que se avança às últimas seções, dispersando as propostas de Chesterman. Somente ao ler os artigos referentes aos dois últimos temas (a virada sociológica e ética na tradução) há uma mudança nas questões discutidas, uma vez que não tratam mais dos conceitos dos Estudos da Tradução.

Outro ponto que parece controverso às posições tomadas pelo autor ao longo dos textos é a criação ou discussão de novas categorias que deveriam ser utilizadas na pesquisa sobre tradução. Uma crítica constante de Chesterman é a excessiva discussão teórica e criação de categorias que distanciam a reflexão acadêmica da prática. Porém, nos artigos 17 e 19, respectivamente sobre limiares entre línguas e sobre hipóteses de tradução literal, o autor apresenta novas ideias e categorias sobre os temas que podem também contribuir para a fragmentação dos Estudos da Tradução. Ademais, o autor amplia ainda mais as discussões sobre teorias.

Não obstante, a leitura do livro de Chesterman é válida e importante para estudiosos acadêmicos dos Estudos da Tradução. A publicação possibilita conhecer as questões e inquietações da disciplina, bem como entender um pouco sobre a trajetória dos Estudos da Tradução e do próprio Andrew Chesterman. Além disso, a coletânea de textos oferece caminhos metodológicos de pesquisa e ideias que podem contribuir para futuras pesquisas. Por fim, pode



também, a todos os interessados, fornecer pistas para preencher as lacunas apontadas nos Estudos da Tradução.

## Referências

Chesterman, Andrew. *Reflections on Translation Theorie: Selected Papers 1993-2014*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2017.

Kuhn, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Doeira e Nelson Boeira. 5ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1997.

Maia, Carlos Alvarez. *História, ciência e linguagem: o dilema relativismo-realismo*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

Schmidt, Paulo; Santos, José Luiz dos. O pensamento epistemológico de Karl Popper. *Contexto*, Porto Alegre, v. 7, n. 11, p. 01-15, 2007.

Recebido em: 07/06/2019

Aceito em: 07/08/2019

Publicado em: Setembro de 2019

---

Jéssica Uhlig. E-mail: [jehuhlig@gmail.com](mailto:jehuhlig@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6203-6680>